

Quando o olimpismo sucumbe à sedução do totalitarismo: os Jogos Olímpicos de Berlim e o ceremonial olímpico

When olympism succumbs to the seduction of totalitarianism:
The Berlin 1936 Olympic Games and the olympic ceremony

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

RESUMO: Na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, a 11^a. edição, realizada em Berlim sob domínio do Terceiro Reich, é o maior exemplo de como o olimpismo sucumbiu à sedução do totalitarismo. Este artigo visa a uma apresentação da ingestão de Estado na elaboração e execução do ceremonial olímpico, para fins de propaganda ideológica. Trata-se de pesquisa de caráter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação referente às “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) emitidas diariamente pelo Ministério de InSTRUÇÃO Popular e Propaganda, como instrumentos de censura prévia, e em matérias publicadas nos jornais *Der Angriff* e *Völkischer Beobachter*. O foco principal recará sobre a corrida de revezamento com a tocha olímpica (*Fackelstaffellauf*) idealizada pelo COA (Comitê Olímpico Alemão) para aquela edição e incorporada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) no protocolo olímpico das edições posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Totalitarismo; Jogos Olímpicos de Berlim; Terceiro Reich; Corrida de revezamento com a tocha.

ABSTRACT: In the history of the Olympic Games in the modern era, the 11th. edition, held in Berlin under Third Reich rule, is the greatest example of how Olympism succumbed to the seduction of totalitarianism. This article aims to present the State's involvement in the elaboration and execution of the Olympic Ceremony, for the purposes of ideological propaganda. This is a bibliographical and documentary research, based both on historical references and on documentation referring to “press instructions” (*Presseanweisungen*) issued daily by the Ministry of Popular Education and Propaganda, as instruments of prior censorship, and on published materials in the newspapers *Der Angriff* and *Völkischer Beobachter*. The main focus will be on the Olympic Torch Relay (*Fackelstaffellauf*) designed by the GOC (German Olympic Committee) for that edition and incorporated by the IOC (International Olympic Committee) into the Olympic Protocol for subsequent editions.

KEYWORDS: Olympism; Totalitarianism; Berlin 1936 Olympic Games; Third Reich; Olympic torch relay.

INTRODUÇÃO: OLIMPISMO E POLÍTICA SOB JUGO TOTALITÁRIO

Quando o assunto é a relação entre olimpismo e política, a 11^a edição dos Jogos Olímpicos de Verão, realizada de 1º a 16 de agosto de 1936 em Berlim, então capital do Terceiro Reich, é aquela que fornece uma gama de evidências concretas da ingestão de um Estado totalitário na elaboração e execução do cerimonial olímpico, para fins de propaganda ideológica. Por assim dizer, o uso político dos Jogos é algo que se repetiu em várias edições ao longo do século XX e nas primeiras décadas do novo milênio. Todavia, nada se compara com a sistematização com que os Jogos Olímpicos de Berlim foram organizados nos mínimos detalhes, em que não faltaram instrumentos de censura prévia – as chamadas “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*), emitidas em boletins diários pelo Ministério do Reich para Instrução Popular e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*) – de ensaio geral possibilitado pela organização e realização da 4^a edição dos Jogos Olímpicos de Inverno na cidade de Garmisch-Partenkirchen, nos Alpes Bávaros, de 06 a 16 de fevereiro de 1936, e de elaboração do cerimonial protocolar por Carl Diem (1882-1962), Secretário Geral do Comitê de Organização dos Jogos (*Organisationskomitee; OK*).

Devemos, entretanto, considerar certas distinções existentes entre Estados tidos como autoritários ou totalitários, surgidos no período entreguerras. Como bem aponta o historiador Mauricio Drumond,

[a] utilização política do esporte foi um fator comum a diversos Estados ao longo do século XX, não se limitando a regimes autoritários (Arnaud, 2002; Holt, 2002). No entanto, o modelo de intervenção estatal no campo esportivo adotado por regimes autoritários, especialmente pela Itália de Mussolini (Teja, 1998; 2002) e pela Alemanha nazista (Kruger, 1998; 2002), tornou-se um modelo a ser adotado por diversos governos do período entreguerras que se aproximavam ideologicamente do fascismo, como a Espanha franquista (Aja, 1998; 2002) e o Estado Novo português.¹

Tal intervenção estatal visava também à propaganda ideológica e à doutrinação da população como modo de consolidação do Estado Novo português

¹ DRUMOND. Ao bem do desporto e da nação, p. 299.

(1933-1945), “como meio de produção de consenso”,² sendo que, neste estudo, o conceito de ideologia é interpretado como “sistema de valores”. E, dentre os países abordados, haveria graus distintos de intervenção estatal, conforme bem aponta o sociólogo e historiador Jordi Estivill: “Esta pretensão totalitária tem uma maior influência no nazismo alemão e é menor nos outros três países”,³ isto é, no fascismo na Itália, no salazarismo em Portugal, e no franquismo na Espanha, que seriam caracterizados por um “totalitarismo imperfeito”.⁴

Por sua vez, a busca por “criar homens novos”⁵ era um traço comum entre os regimes totalitários ou autoritários, que possuía influência direta também em políticas públicas no âmbito do esporte e do lazer: “Uma das peculiaridades, relativa, dos Estados fascistas com vocação mais ou menos totalitária é a de querer igualmente organizar e controlar este tempo que permite a recuperação física e mental da força do trabalho”.⁶

Posto isto, o presente artigo fundamenta-se em pesquisa de caráter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação da censura prévia e em matérias publicadas nos jornais alemães *Der Angriff* e *Völkischer Beobachter*. Nosso intuito é apresentar e dimensionar o grau de intervenção do Estado totalitário alemão na organização dos Jogos e, sobretudo, na elaboração e execução do cerimonial olímpico. Dentre o conjunto de cerimônias protocolares, o foco principal recairá sobre a corrida de revezamento com a tocha olímpica (*Fackelstaffellauf*) idealizada pelo OK para aquela edição, que seria incorporada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) no protocolo olímpico das edições posteriores.

A NOMEAÇÃO DE BERLIM COMO CIDADE SEDE E A FASE DE PREPARAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS (1931-1936)

A inscrição oficial da cidade de Berlim, então capital da República de Weimar, como candidata à sede da 11^a edição dos Jogos Olímpicos de 1936 foi anunciada na

² DRUMOND. Ao bem do desporto e da nação, p. 311.

³ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 36.

⁴ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 36.

⁵ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 40.

⁶ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 65.

abertura do 29º Congresso do COI, realizado em 22 de maio de 1930 na *Friedrich-Wilhelm-Universität*, hoje *Humboldt-Universität*. Concorrente direta à candidatura de Berlim foi a cidade de Barcelona. Todavia, o contexto político instável na Espanha, com a demissão do ditador General Miguel Primo de Rivera (1870-1930) em 1930 e a abdicação do Rei Afonso XIII (1886-1941) em 1931 e a proclamação da Segunda República, além da fundação do “movimento falangista” em torno do nacionalista José António Primo de Rivera (1903-1936), filho do ditador, certamente pesou na decisão do COI de nomear Berlim como sede dos Jogos, ao invés da capital catalã.⁷

A nomeação da capital do Reich como sede dos 11º. Jogos Olímpicos de 1936 foi oficializada pelo COI em 13 de abril de 1931, após Berlim receber 43 de um total de 59 votos.⁸ Portanto, isso ocorreu ainda no período da República de Weimar, que, pelo menos desde 1929, enfrentava uma crise econômica, com taxas de desemprego elevadas e recrudescimento das animosidades entre as extremas políticas, representadas, por um lado, pelo KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands*; Partido Comunista da Alemanha) e, por outro, pelo NSDAP (*Nationalsozialistische Deutscher Arbeiterpartei*; Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães; Partido Nazista). De início, a DRA (*Deutscher Reichsausschuss für Leibesübungen*; Comissão Alemã do Reich para Educação Física) desenvolveu uma intensa propaganda dos futuros Jogos, entretanto, nada comparado com o que ocorreria após 30 de janeiro de 1933, com a ascensão do Partido Nazista ao poder executivo, com a nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler do Reich.

Todavia, antes de chegarem ao poder em 1933, dentro da pauta política de oposição à República de Weimar, as lideranças do Partido Nazista manifestaram-se contrárias à realização da Olimpíada de Berlim. O ideal olímpico de cunho humanista, defendido desde o início do movimento pelo Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), era diametralmente oposto às manifestações ideológicas e à prática política do nazismo, baseadas no nacionalismo xenófobo, no expansionismo, no racialismo e no antisemitismo. Portanto, o olimpismo, enquanto fomentador do respeito mútuo entre os povos, que pudesse colaborar com a consolidação da paz

⁷ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 11.

⁸ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 11.

mundial, e os ideais de universalidade e de democracia tornaram-se alvos constantes de críticas na propaganda nazista, de modo que a ponte entre olimpismo e nazismo, antes de 1933, parecia intransponível.

Certamente, por ser, já naquela época, um evento internacional de ampla abrangência, a Olimpíada ofereceria uma oportunidade de a Alemanha nazista instrumentalizá-la com fins de propaganda ideológica e, ao mesmo tempo, de inserção no conjunto das nações. Deve ser ressaltado que o país se encontrava internacionalmente isolado em termos geopolíticos, de modo que os Jogos seriam uma oportunidade de legitimar o nazismo perante a opinião pública mundial, sendo que, para isso, seria necessário, pelo menos durante os Jogos, encobrir a repressão política e cultural e a política racial, além da crescente ampliação do arsenal bélico com vistas à futura política expansionista, algo que feria as cláusulas do Tratado de Versalhes. Não é por acaso que aqueles Jogos se configuraram como uma espécie de “vitrine”, suscetível a todos os meios de intervenção e ajustes para “seduzir” estrangeiros que viessem a Berlim, sejam atletas, dirigentes, jornalistas e público em geral. A imprensa alemã trataria de veicular amplamente a imagem fabricada e exposta nessa “vitrine”: uma imagem da “nova” Alemanha, bem diferente daquela vivenciada no cotidiano de um Estado totalitário.

Por sua vez, o OK, criado em 1931, ainda no período da República de Weimar, também não ficou alheio ao processo de reformulação impingido pela cúpula nazista por meio da mudança de seu estatuto em 05 de julho de 1933, que, entre outros, limitou a influência e o âmbito de atuação do Presidente do Comitê, Theodor Lewald (1860-1947), mantido no cargo.⁹ Desse modo, em 10 de outubro de 1933, durante uma audiência na Chancelaria, na qual tomaram parte Theodor Lewald, dois membros da direção do Círculo Esportivo do Reich, Hans von Tschammer und Osten (1887-1943) e Hans Pfundtner (1881-1945), e os Ministros Joseph Goebbels (1897-1945) e Wilhelm Frick (1877-1946), Hitler manifestou sua decisão em apoiar a realização dos Jogos:

⁹ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 58.

Em termos de política externa, a Alemanha se encontra em uma das situações mais difíceis e desfavoráveis. É preciso tentar ganhar a opinião pública mundial através de grandes desempenhos culturais.

Neste contexto, seria apropriado realizar os Jogos Olímpicos de 1936, do qual, provavelmente, irão participar todas as nações da terra.

Se convidarmos para um evento desses, devemos mostrar ao mundo o que a nova Alemanha produz culturalmente.¹⁰

Sem dúvida, a experiência adquirida desde meados dos anos 1920 em organizar comícios que contavam com a presença das massas fez com que a cúpula nazista reconhecesse múltiplas possibilidades de instrumentalização dos Jogos Olímpicos de Berlim. Uma delas, talvez a mais importante de todas, foi o potencial de propaganda ideológica através da associação simbólica entre a Grécia Antiga, como berço da civilização ocidental, e a “nova” Alemanha. Inúmeros aspectos dão testemunho dessa associação, dentre eles, a cerimônia de transmissão do “Fogo Olímpico” (*Olympisches Feuer*), pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, realizada por uma corrida de revezamento, iniciada no antigo santuário de Olímpia em 20 de julho de 1936, até chegar ao Estádio Olímpia (*Olympia-Stadion*) em Berlim, em 1º de agosto de 1936.¹¹ Seu idealizador foi o então Secretário Geral do OK, Carl Diem, cujo currículo atesta o longo período dedicado ao movimento olímpico, desde o início do século XX: Carl Diem iniciou sua carreira em 1896 como atleta e jornalista. Foi membro ativo de grêmios para organização olímpica desde 1903. Quando Berlim foi nomeada pela primeira vez como sede dos Jogos em 1912, que deveriam ocorrer em 1916, mas que foram suspensos em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial em agosto de 1914 e da duração do conflito bélico até 1918, Diem tornou-se Secretário Geral do OK, permanecendo Secretário Geral do DRA de 1913 a 1933. Diem também tomou parte na delegação alemã nos Jogos de Amsterdã em 1928 e de Los Angeles em 1932. Em 1922 tornou-se membro do Partido Popular Nacional Alemão (*Deutschnationale Volkspartei*,

¹⁰ Olympia-Archiv Potsdam, citado em Bohlen. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 70. Todas as traduções do Alemão para o Português são de nossa autoria. No original: “Deutschland befindet sich außenpolitisch in einer der schwierigsten und ungünstigsten Lagen, es müsse versuchen, durch große kulturelle Leistungen die Weltmeinung für sich zu gewinnen. / In diesem Zusammenhang sei es günstig, daß 1936 die Olympischen Spiele stattfinden, an denen wohl alle Nationen der Erde teilnehmen. / Läde man zu einer solchen Veranstaltung ein, so müsse man der Welt zeigen, was das neue Deutschland kulturell leiste”.

¹¹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100; Kruse; Mende. *Die Chronik*, p. 13.

DNVP) e, desde o início, seguiu a tradição militarista do esporte alemão, formada, sobretudo, no século XIX com o *Turnen*, a ginástica alemã. Quando Hitler tornou-se Chanceler, Diem foi afastado do cargo. No entanto, por solicitação de Theodor Lewald, Presidente do OK, Diem foi readmitido como Secretário Geral. Até hoje, o grau de envolvimento de Diem com o Terceiro Reich permanece incerto. Por um lado, o dirigente serviu voluntariamente aos propósitos do Estado nazista, e, por outro, foi constantemente acusado pela cúpula nazista de não romper relações de amizade com judeus. Após o final da Segunda Guerra Mundial, Diem fundou em 1948 a Escola Superior de Desportos na cidade de Colônia e foi membro do Comitê Olímpico da Alemanha Ocidental de 1949 a 1962.¹²

Por ocasião da comemoração dos cem anos de seu nascimento em 1982, Carl Diem foi homenageado como “Nestor” (decano) do esporte alemão e com o título “Mr. Olympics”. Ainda hoje, é venerado como grande humanista, apesar de ter ocupado os cargos de Dirigente de Esportes do Reich (*Reichssportsführer*) e Dirigente do Setor Estrangeiro da Liga Nacional-Socialista de Educação Física (*Auslandsabteilung des NS-Reichsbundes für Leibesübungen*) durante o período nazista. O seu entusiasmo pelo esporte também se torna uma veneração ao mundo militarizado e à guerra, conforme atestam suas palavras:

[...] Corrida de assalto através da França; como sentimos o coração bater forte dentro de nós, velhos soldados, que não podemos mais participar. Perseguimos esta corrida de assalto, esta corrida para a vitória com tensão febril e crescente admiração. O entusiasmo e a alegria que sentíamos em tempos de paz, em uma disputa esportiva audaz e combativa, se elevaram à seriedade da guerra e à veneração com um íntimo tremor no coração, em que ecoa algo daquele entusiasmo e daquela alegria. Estamos admirados diante dos feitos do exército. [...] Assim foi a corrida de assalto através da Polônia, da Noruega, da Holanda, da Bélgica e da França, a corrida pela vitória em uma Europa melhor.¹³

¹² BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 160; Kluge. *Olympische Sommerspiele*, p. 874-5.

¹³ DIEM. *Sturmlauf durch Frankreich*, p. 10. No original: [...] *Sturmlauf durch Frankreich, wie schlägt uns alten Soldaten, die wir nicht mehr dabei sein können, das Herz. Wir haben mit atemloser Spannung und steigender Bewunderung diesen Sturmlauf, diesen Siegeslauf, verfolgt. Die fröhliche Begeisterung, die wir in friedlichen Zeiten bei einem kühnen kämpferischen sportlichen Wettstreit empfanden, ist in die Höhenlage des kriegerischen Ernstes hinaufgestiegen, und in Ehrfurcht mit einem inneren Herzbeben, in das etwas von jener fröhlichen Begeisterung hineinklingt, stehen wir staunend vor den Taten des Heeres.* [...] So

Portanto, conforme aponta o historiador Friedrich Bohlen,¹⁴ o caso Diem comprova a continuidade da relação entre esporte e militarismo desde o Segundo Império, quando iniciou sua carreira esportiva como atleta e dirigente, até o Terceiro Reich.

Por sua vez, a cerimônia protocolar de se acender a chama olímpica, realizada pela primeira vez em 1928 na abertura dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, ofereceu a Carl Diem a oportunidade de ampliar seu significado simbólico por meio da corrida de revezamento, transmitindo o “Fogo Eterno” (*Ewiges Feuer*) desde o originário Altar de Zeus em Olímpia até Berlim, cidade sede e capital do Terceiro Reich. Com isso, deu-se margem a uma fascinação cultualista em torno da Olimpíada, bem-vinda às pretensões nazistas em “sacralizar” os Jogos Olímpicos por meio de inúmeros símbolos, transpondo assim para o âmbito do esporte um caráter “ritualístico”. Cabe ressaltar que, fascinados pela corrida de revezamento com a tocha, que atravessou sete países e cobriu uma distância de 3.100 km, os dirigentes e delegados do COI decidiram integrá-la ao conjunto de cerimônias protocolares dos futuros Jogos Olímpicos, mesmo que esta tenha passado por uma ressignificação após a Segunda Guerra Mundial: se o interesse dos nazistas e de Diem era estabelecer uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga e o Terceiro Reich, posteriormente, este assumiria o sentido de uma confraternização entre os povos, um gesto de paz entre as nações.

Segundo Hilmar Hoffmann,¹⁵ a utilização de símbolos construídos a partir de uma forma de linguagem clássica não provocou qualquer tipo de reação negativa na opinião pública, pois estes símbolos funcionaram como uma espécie de “linguagem universal” (*Weltsprache*), comum a todos, e não como algo específico, fundamentado em ideias racistas e darwinistas propagadas pela ditadura nazista. A seguir, tomaremos por base “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) e matérias de jornais alemães, que não só documentam tal intervenção, como também colaboraram para veicular mensagens fundadas na ideologia nazista.

kam es zum Sturmlauf durch Polen, Norwegen, Holland, Belgien und Frankreich, zum Sturmlauf in ein besseres Europa.

¹⁴ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 136.

¹⁵ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 32.

AS “INSTRUÇÕES DE IMPRENSA” E A ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

Nos doze anos em que esteve sob o jugo totalitário, a imprensa alemã tornou-se “o mais importante e o mais sensível instrumento jornalístico”¹⁶ dentro da máquina de propaganda nazista. Em pouco mais de oito meses no poder, os nazistas tinham a imprensa em suas mãos. A eliminação das imprensa comunista e socialdemocrata, de cujas editoras os novos governantes se apoderaram de modo parasitário, e a conquista das editoras privadas transformaram a imprensa em um instrumento de suma importância para a propaganda totalitária.

Podemos dizer que o golpe fatal que cerceou à imprensa a liberdade e a autonomia perante o Estado nazista foi dado com a promulgação da “Lei do Redator” (*Schriftleitergesetz*) no dia 04 de outubro de 1933. Tal lei transferiu o direito de livre instrução dos jornalistas por parte do corpo editorial dos órgãos de imprensa para o Estado, que, por sua vez, passou a praticar oficialmente a pré-censura de assuntos e de temas de seu interesse a partir da centralização dos órgãos de imprensa em torno de conferências realizadas diariamente.

O sistema de pré-censura, aliado às ameaças de penalidades e às decisões dos chamados tribunais de imprensa, funcionava sem grandes dificuldades. Mesmo as redações de outros jornais importantes, que ainda hoje são reconhecidos por sua qualidade publicitária e por seu liberalismo, muitas vezes, aceitaram caladas as exigências dos nazistas. Cremos que esta postura de não-enfrentamento – pelo menos na fase inicial do regime – se devia a uma incapacidade, talvez em primeira linha, de se compreender o caráter totalitário desse movimento político que havia chegado ao poder. Além disso, se tratava de uma geração de jovens jornalistas que, na sua maioria, traziam uma formação que tinha por base valores como disciplina e lealdade e que, em muitos casos, representavam incondicionalmente a política do Governo.

A tradição autoritária de censura que remonta ao período imperial e que, de certo modo, ainda se fez presente na República de Weimar permitiu aos nazistas forjarem uma aparente continuidade. A mais importante das fontes utilizadas para a pré-censura era a Agência Alemã de Notícias (*Deutsche Nachrichtenbüro*; DNB),

¹⁶ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 316.

agência oficial incumbida de fornecer às redações um vasto material contendo informações sobre política a serem aproveitadas no processo de elaboração e divulgação de notícias.¹⁷ O material informativo fornecido aos jornais por agências públicas, sobretudo pela DNB, era supervisionado e controlado por Otto Dietrich (1897-1952), Chefe de Imprensa do Governo e Secretário de Estado do Ministério da Propaganda, antes de ser apresentado nas conferências de imprensa. Somente nas conferências diárias é que os jornais tomavam conhecimento de como as informações selecionadas deveriam ser interditadas, destacadas ou comentadas.¹⁸

O tratamento técnico das “instruções de imprensa” foi determinado pelos órgãos oficiais de censura. A imprensa recebia diariamente instruções precisas que, às vezes, chegavam a impor até mesmo os mínimos detalhes na redação de manchetes ou no modo como um dado tema deveria ser destacado jornalisticamente. Por outro lado, exigia-se dos jornalistas novas ideias, decisões próprias e uma dinâmica que atendessem aos interesses do regime nazista. Para os detentores do poder, a norma para a técnica de propaganda no Terceiro Reich deveria ser: ao invés de “provas” (*Beweise*), “afirmações” (*Behauptungen*); ao invés de “convicção” (*Überzeugung*), “persuasão” (*Überredung*).¹⁹

A manipulação de imprensa pertencia a um dos segredos de Estado mais protegidos. Apenas pessoas de confiança da cúpula nazista tinham total acesso às diversas ramificações da organização que controlava a imprensa alemã. E mesmo os redatores que se dirigiam diariamente às conferências de imprensa não tinham uma visão do todo, pois permaneciam estritamente limitados ao setor que cuidava da divulgação e expedição das “instruções de imprensa”. Havia ainda um serviço especial formado por um círculo restrito de jornalistas simpatizantes ao regime e de altos-funcionários do Partido Nazista, que eram incumbidos de cuidar de informações ultraconfidenciais. O segredo continuou a ser o principal mandamento. Mesmo os correspondentes locais de um jornal não eram permitidos tomar conhecimento dos conteúdos das “instruções de imprensa”, e os redatores tinham de checar a legitimidade de seus relatos. Após a divulgação das normas, a

¹⁷ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 66.

¹⁸ NOLLER; KOTZE. *Facsimile Querschnitt durch den ‘Völkischen Beobachter’*, p. 12.

¹⁹ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 155.

forma como as “instruções de imprensa” deveriam ser despachadas tornou-se o maior problema. Determinou-se que fosse usada uma carta registrada para o envio das instruções. Informações urgentes deveriam ser passadas por telefone apenas quando “estenógrafos de confiança” estivessem à disposição.²⁰

A partir de Berlim, foram transmitidas à imprensa alemã entre 50.000 e 80.000 “instruções de imprensa” até a derrocada do Terceiro Reich.²¹ Após sua instituição em outubro de 1933, o número das instruções subiu a cada ano: no segundo semestre de 1933 foram 330; no ano de 1934 foram em torno de 1.000; um ano mais tarde subiu para 1.500; no ano olímpico foram expedidas em torno de 2.500 instruções de imprensa.²² Num total de 250 dias úteis no ano de 1936, foram expedidas em média 10 instruções por dia.²³ As instruções divulgadas na conferência de imprensa em Berlim eram transmitidas por teletipo aos órgãos de propaganda espalhados pelo Reich, que, por sua vez, organizavam conferências locais e cuidavam para que a imprensa local seguisse as instruções à risca.²⁴

As “instruções de imprensa” podem ser classificadas em dois grupos distintos: em ordens e proibições. Os assuntos que surgiam diariamente eram objeto de orientação minuciosa que determinava como os jornalistas deveriam escrever sua reportagem, ou que indicava aos jornais o tratamento, o destaque e o espaço que deveria ser reservado a tais assuntos. A seguir, iremos apresentar os principais temas e episódios que geraram “instruções de imprensa”, diretamente relacionadas à organização dos 11º. Jogos Olímpicos de Berlim.

No intuito de forjar perante a opinião pública mundial uma “bela” imagem da “nova” Alemanha – entenda-se: sob o jugo totalitário –, a cúpula nazista cuidou para que os mínimos detalhes na organização e divulgação dos Jogos Olímpicos de Berlim fossem observados à risca. Algumas “instruções de imprensa”, que transmitiam ordens e proibições tanto em relação a aspectos organizatórios quanto à maneira como os nazistas imaginavam ideologicamente o evento esportivo, documentam a preocupação de seus mentores não só diante do papel de “anfitriões” de um evento

²⁰ BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 53.

²¹ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 67.

²² BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 13.

²³ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 49.

²⁴ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 318.

esportivo internacional, mas também diante do desafio de manipular e maquiar as informações de tal forma que nenhum detalhe escapasse ao processo de construção de uma imagem positiva da Alemanha nazista.

A intenção de atribuir aos Jogos Olímpicos um caráter ritualista que, ao mesmo tempo, produzisse um efeito de resgate de suas origens na Grécia Antiga e que convidasse a opinião pública mundial a partilhar de uma identificação com os primórdios da civilização ocidental fez com que os nazistas, por exemplo, cuidassem para que a “sacralização” dos Jogos fosse, primeiramente, garantida por uma linguagem que elevasse o evento esportivo e o desprendesse de representações meramente materiais. Nesse sentido, foi expedida em 03 de fevereiro de 1936 uma instrução que alertou os jornais alemães contra a “profanação” (*Profanierung*) dos termos “Olímpia, Olimpíada e olímpico” (*Olympia, Olympiade und olympisch*), os quais deveriam ser empregados somente no contexto da 4^a edição dos Jogos Olímpicos de Inverno de Garmisch-Partenkirchen e na 11^a edição dos Jogos Olímpicos de Berlim e Kiel.²⁵ A preocupação maior recaia sobre o desgaste desses termos por seu emprego indiscriminado nas seções de anúncios. Naquela oportunidade, os redatores foram lembrados de que, em 30 de novembro de 1935, uma determinação oficial do Conselho Publicitário instruirá os representantes da economia alemã sobre o cuidado no emprego dos termos *Olympia, Olympiade e olympisch* por ocasião de campanhas publicitárias no contexto dos Jogos Olímpicos:

[...] Os termos “Olímpia, Olimpíada e olímpico” não podem ser empregados no âmbito econômico para designação de um produto ou de uma empresa, ou mesmo para atender a outros objetivos que sirvam à publicidade econômica, quando o anúncio for de mau gosto ou não corresponder à dignidade e à reputação dos Jogos Olímpicos.²⁶

Ao invés disso, a meta era associar o termo “Olímpia” (*Olympia*) da Antiguidade com a “nova” Alemanha como exemplo de momentos elevados da civilização ocidental.

²⁵ BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 109.

²⁶ BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 110. No original:

[...] *Die Worte „Olympia“, „Olympiade“ und „olympisch“ dürfen zur Benennung eines wirtschaftlichen Erzeugnisses oder Unternehmens oder zu sonstigen der Wirtschaftswerbung dienenenden Zwecken nicht verwendet werden, wenn die Werbung geschmacklos ist oder der Würde und dem Ansehen der Olympischen Spiele nicht entspricht.*

O traslado da chama olímpica do santuário de Olímpia a Berlim, num cortejo que reuniu milhares de atletas e que percorreu sete países, de acordo com três “instruções de imprensa”, deveria ser apresentado, por um lado, como um evento simbólico que contribuiu para o enaltecimento dos Jogos – entenda-se: para a encenação do caráter ritualista da Olimpíada. Por outro lado, os jornais alemães foram proibidos de destacar os incidentes de protesto contra a política nazista ocorridos durante a passagem da chama olímpica pela Áustria e pela Tchecoslováquia nos dias 29²⁷ e, respectivamente, 30 de julho de 1936.²⁸ A seguir, serão apresentados exemplos extraídos de matérias publicadas nos jornais *Völkischer Beobachter* (Observador Popular) e *Der Angriff* (O Ataque), que evidenciam a produção do caráter ritualista da cerimônia de acendimento da tocha olímpica (*Olympische Fackel*) e da corrida de revezamento (*Fackelstaffellauf*).

A TRANSMISSÃO DA TOCHA OLÍMPICA NOS JORNais²⁹

Os jornais *Völkischer Beobachter* e *Der Angriff* possuíam um aspecto em comum: o fato de serem órgãos de imprensa do Partido Nazista. O primeiro era o principal deles e foi fundado em 1919, em Munique, e adquirido pelo Partido Nazista em 1920.³⁰ Seu nome significa algo como “Observador Popular”, mas que engloba no termo “völkisch” um caráter ufanista e xenófobo. Já o segundo, *Der Angriff* (“O ataque”) foi fundado em 1927, em Berlim, tendo Joseph Goebbels como seu editor-chefe.³¹ Em 10 de maio de 1933, com a fundação da organização de Estado *Deutsche Arbeitsfront* (“Frente de Trabalho Alemã”), *Der Angriff* tornou-se seu órgão de imprensa.

As edições do *Völkischer Beobachter* nas duas semanas que antecederam aos Jogos Olímpicos de Berlim são marcadas por duas temáticas: de um lado, a cobertura da Guerra Civil Espanhola, deflagrada em 17 de julho 1936, e, de outro,

²⁷ BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 726.

²⁸ BOHRMANN. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 821-823.

²⁹ Para o estudo, foram consultadas edições dos jornais *Völkischer Beobachter* e *Der Angriff*, disponíveis no *Mikrofilmarchiv* (arquivo de microfilmes), do *Otto-Suhr-Institut für Politikwissenschaft* (Instituto Otto Suhr de Ciências Políticas), da *Freie Universität Berlin*, na Alemanha.

³⁰ NOLLER; KOTZE. *Facsimile Querschnitt durch den ‘Völkischen Beobachter’*, p. 4.

³¹ KESSEMEIER. *Der Leitartikler Goebbels in den NS-Organen “Der Angriff” und „Das Reich“*, p. 49-50.

os últimos preparativos para a Olimpíada. No caso dos Jogos Olímpicos, o jornal cobriu a cerimônia e o percurso de transmissão da chama olímpica do santuário em Olímpia à capital do *Reich*. Além disso, o jornal divulgou também matérias nas quais se veiculava juízos de valor em relação ao esporte e aos Jogos Olímpicos, no intuito de forjar uma ancoragem da Alemanha nazista na tradição esportiva da Grécia Antiga. Por se tratar de um período que antecede à cobertura dos Jogos propriamente dita, é nesta fase que os jornais estarão atendendo às determinações da pré-censura no intuito de construir a imagem de uma Alemanha que prezava a Olimpíada em seu caráter sagrado.

A edição nº 202 do *Volkischer Beobachter* foi a primeira a noticiar sobre a cerimônia de transmissão da chama olímpica para a cidade sede, conforme idealização de Carl Diem: *Das Olympische Feuer wird heute an heiliger Stätte entzündet* (“O Fogo Olímpico será aceso hoje em lugar sagrado”).³² Já a edição seguinte do *Völkischer Beobachter* destaca na primeira página o trajeto da chama olímpica, a caminho de Berlim, tendo por manchete *Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin* (“A Tocha Olímpica a caminho de Berlim”).³³ Ela é seguida pela matéria intitulada *Fackellauf mit dem Olympischen Feuer am Zeusaltar in Olympia begonnen* (“Começou no altar de Zeus em Olímpia a corrida com a tocha levando o Fogo Olímpico”), que apresenta um breve *lead*: *Würdige Feierstunde an heiliger Stätte – Die ersten Läufer unterwegs* (“Cerimônia digna em lugar sagrado – Os primeiros corredores a caminho”). Trata-se de matéria não assinada, elaborada por correspondentes do jornal, que estiveram presentes em Olímpia e acompanharam a cerimônia de acendimento do “Fogo Sagrado” e a corrida de revezamento com a tocha.

Na referida matéria publicada no *Völkischer Beobachter*,³⁴ são apresentados diversos detalhes da cerimônia realizada em Olímpia, entre elas, o caráter ritual assumido pelo acendimento do “Fogo Sagrado” (*Heiliges Feuer*) com o auxílio de um espelho que refletiu os raios do sol: “Todos os olhos estão voltados para o espelho e para o bastão inflamável. Formam-se os primeiros vapores e surgem as

³² *Das Olympische Feuer*, p. 1.

³³ *Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin*, p. 1.

³⁴ *Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin*, p. 1.

primeiras nuvenzinhas de fumaça. Primeiro um lampejo, e então ela vive: *A Chama Olímpica nascida do sol!*³⁵ (grifo no original).³⁵ O próprio santuário de Olímpia, com suas ruínas, é referenciado na matéria: o antigo estádio, o jardim sagrado do Altis, dedicado a Zeus, o Altar de Hércules, os 12 templos dos tesouros e o Templo de Hera. Esse cenário, tendo o Monte Cronos ao fundo, além de 20 jovens que figuram como sacerdotisas, criam todo caráter ritual desejado pelos organizadores, a fim de sacralizar aquela edição dos Jogos.

Por sua vez, a edição nº 204 do *Völkischer Beobachter*,³⁶ de 22 de julho de 1936, exibe na primeira página duas fotos que se referem aos Jogos Olímpicos. No centro da página, figura uma foto que apresenta uma tomada da *Unter den Linden*, uma das principais artérias da capital alemã, enfeitada com estandartes gigantes com a suástica ao centro. Já a foto no alto da página, à direita, apresenta um dos participantes da corrida com a tocha e está ancorada discursivamente pela seguinte legenda: *Der erste Olympia-Staffelläufer, der Griechen Konstantin Kondylis, in den Ruinen des antiken Olympia* (“O primeiro corredor do revezamento da tocha olímpica, o grego Konstantin Kondylis, nas ruínas da antiga Olímpia”).

A edição nº 207 do *Völkischer Beobachter*,³⁷ de 25 de julho de 1936, apresenta também um caderno especial dedicado aos Jogos Olímpicos e intitulado como *Folge 1* (Sequência 1). Contendo 32 páginas, o referido caderno inclui matérias que dizem diretamente respeito aos Jogos Olímpicos e sua história, além de destacar o desempenho econômico e tecnológico da Alemanha nazista como forma de propaganda política. Além de fotos e gravuras, o caderno apresenta também textos publicitários associando serviços à realização dos Jogos Olímpicos. Em suma: trata-se de uma estratégia propagandista de apresentação de uma Alemanha nazista que pouco tem a ver com o cotidiano de um Estado totalitário, onde qualquer tipo de liberdade, seja de expressão seja de contestação, era silenciado pelos mecanismos de repressão e abafado ou difamado pelos instrumentos de propaganda.

³⁵ Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin, p. 1. No original:
Aller Augen sind auf den Spiegel und den Brennstab gerichtet. Die ersten Dämpfe bilden sich, erste Wölkchen steigen auf. Zuerst ein Flackern, und dann lebt sie: 'Die sonnengeborene Olympiaflamme!'

³⁶ *Völkischer Beobachter*. n. 204, p. 1.

³⁷ *Völkischer Beobachter*. n. 207, Folge I, p. 1-32.

Por sua vez, a edição nº 215 do *Völkischer Beobachter* exibe na primeira página, em destaque, a matéria *Der Festakt im Stadion* (“A cerimônia no estádio”), não assinada.³⁸ O primeiro parágrafo evidencia o caráter ritualístico que se pretendeu atribuir àqueles Jogos como estratégia de persuasão, que não condizia com um Estado que, cada vez mais, se militarizava com vistas à futura guerra de cunho expansionista:

Ter compreendido tão profundamente a ideia moral da chama pacífica, pura, da simples coroa da honra é orgulho humilde do povo, que, hoje, passando por cima de todas as fronteiras, deixa soar *o chamado do sino para a Festa da Paz*. É como se esse lugar pairasse, carregado por asas prateadas de luz, elevado em uma atmosfera mais pura, *lugar de festa* da juventude do mundo – para que ela manifeste em beleza e força sua vontade sagrada pelo início de uma época melhor, mais decente para nossa geração.³⁹ (grifos no original)

Na mesma edição do *Völkischer Beobachter*, de 02 de agosto de 1936, a coluna *Deutsche Außenpolitik und die Welt* (“Política externa alemã e o mundo”) traz como tema principal os Jogos Olímpicos e as primeiras manifestações da opinião pública mundial em relação aos Jogos. As duas matérias que se destacam na página têm os seguintes títulos: *Olympia, Symbol internationaler Solidarität* (“Olímpia, símbolo de solidariedade internacional”); *Nie zuvor gesehene Vorbereitungen...* (“Preparativos nunca dantes vistos...”). Uma dessas notas, que tem por fonte a agência DNB, é a seguinte:

Prefeito de Pyrgos ao *Führer*

dnb, Berlim, 1º de agosto.

Esta manhã o *Führer* recebeu o seguinte telegrama do prefeito de Pyrgos (Grécia):

“Saudamos o povo alemão na sua presença pela chegada do Fogo Sagrado da nossa cidade de Olímpia ao estádio de Berlim e parabenizamos pela concretização desta ideia brilhante.

Dr. Takis Bocalopoulos, Prefeito.

O *Führer* respondeu por telegrama o seguinte:

“Na hora em que o Fogo Sagrado de Olímpia chegou a Berlim, agradeço-vos as saudações enviadas ao povo alemão e a mim, às quais respondo calorosamente.

Ass.: Adolf Hitler”.⁴⁰

³⁸ *Der Festakt im Stadion*, p. 1.

³⁹ *Der Festakt im Stadion*, p. 1.

⁴⁰ *Völkischer Beobachter*, n. 215, p. 1. No original: *Bürgermeister von Pyrgos an den Führer / dnb Berlin, 1. August. / Heute vormittag ging bei dem Führer das nachstehende Telegramm des*

Tal nota evidencia a receptividade da cerimônia de se acender a chama olímpica no santuário e transmiti-la à cidade sede dos Jogos por meio de uma corrida de revezamento. Se compararmos a corrida nos nossos dias com aquela idealizada por Carl Diem, há uma distinção fundamental: em 1936, foram percorridos apenas países que estavam no caminho entre a Grécia e Alemanha; hoje, o sentido de celebração mundial é produzido por uma corrida que percorre inúmeros países e vários continentes, não se atendo a questões geográficas envolvendo distância.

Da mesma forma como pudemos constatar em relação ao jornal *Völkischer Beobachter*, nas semanas que antecederam aos Jogos Olímpicos de Berlim as edições do jornal *Der Angriff* são marcadas por duas temáticas: os Jogos Olímpicos de Berlim e a Guerra Civil Espanhola. O destaque dado à Olimpíada cresce na medida em que se aproxima a data de abertura. A cobertura da cerimônia de transmissão da chama olímpica de Olímpia a Berlim torna-se o principal foco, de modo que cada capital alcançada ao longo do trajeto torna-se centro das atenções e ganha destaque nas páginas do *Der Angriff*.

As duas colunas centrais da primeira página da edição nº 169 do jornal *Der Angriff* exibem três matérias sobre a Olimpíada: da parte de cima até o centro da página, figura a matéria de maior destaque: *Der Fackellauf begann* (“Começou a corrida com a tocha”);⁴¹ no centro da página, figura uma matéria em destaque médio: *Olympischer Geist in Deutschland erneuert* (“Renovado o espírito olímpico na Alemanha”);⁴² por fim, na parte inferior da página, em destaque médio, aparece a matéria *Die Fackel auf der Strasse nach Athen* (“A tocha na estrada a caminho de Atenas”).⁴³

Como de costume, as matérias em questão não foram assinadas. A primeira delas exibe abaixo do título apenas a referência de que se trata de um informe telegrafado da própria equipe de redação do jornal: *Telegraphischer Bericht der „Fliegenden Redaktion“*

Bürgermeisters von Pyrgos (Griechenland) ein: / „Zur Ankunft des Heiligen Feuers von unserer Stadt Olympia im Berliner Stadion begrüßen wir in Eurem Angesicht das deutsche Volk und gratulieren für die Verwirklichung dieser genialen Idee. / Dr. Takis Bocalopoulos, Bürgermeister.“ / Der Führer hat hierauf telegraphisch wie folgt erwidert: / „In der Stunde, da das Heilige Feuer aus Olympia in Berlin eingetroffen ist, danke ich Ihnen für die dem deutschen Volke und mir übermittelten Grüße, die ich herzlich erwidere. / gez.: Adolf Hitler.“

⁴¹ Der Fackellauf begann, p. 1.

⁴² Olympischer Geist in Deutschland erneuert, p. 1.

⁴³ Die Fackel auf der Strasse nach Athen, 1936.

(“Informe telegráfico da ‘Redação Volante’”). Entretanto, o tom de sacralização parece ainda mais intenso do que nas matérias do *Völkischer Beobachter*, com referências a Homero e à Mitologia Grega a partir de simulada poeticidade:

Diante do distrito sagrado jaz o campo das festividades olímpicas, no qual a Chama Olímpica será acesa hoje, ao meio-dia.

Quando a carruagem solar de Apolo, vinda do Oriente, entra na curva do horizonte, as fanfarras ecoam do monte Cronos, o mais cruel de todos os patriarcas dos deuses, que devorou seus próprios filhos com exceção de Zeus.⁴⁴

Inicialmente, nota-se a confluência discursiva de dois tempos e mundos: o do passado grego, berço da Olimpíada, e o do presente, construído justamente a partir de um *revival* desse passado, agora pretensamente partilhado – ou melhor, apropriado – pelos nazistas a partir do investimento em uma imensa máquina de propaganda no intuito de explorar o evento desportivo internacional para fins políticos internos e, sobretudo, externos.

Por sua vez, a segunda matéria publicada na primeira página da edição nº 169 do jornal *Der Angriff*, intitulada *Olympischer Geist in Deutschland erneuert* (“Renovado o espírito olímpico na Alemanha”)⁴⁵ guarda relações temáticas com a anterior com relação à corrida de revezamento com a tocha. Nela, nos deparamos com uma informação que se contrapõe às fontes históricas: o fato de que não teria sido Carl Diem, mas Theodor Lewald o idealizador do acendimento do “Fogo Sagrado” em Olímpia e da corrida de revezamento com a tocha:

Em maio de 1934, a Grécia teve a honra de receber o Comitê Olímpico Internacional, que realizou sua convenção anual em Atenas. Os membros do Comitê foram convidados a visitar Olímpia e algumas outras paisagens gregas onde o pensamento olímpico nasceu. Em Tegea, sob a sombra de árvores centenárias, o Presidente do Comitê Olímpico Alemão, *Dr. L e w a l d*, teve uma visão, maravilhado com o horizonte azul e com os cumes de Gortynia, cobertos de pinheiros. Diante de seu olho espiritual estava um estádio monumental e moderno. As tribunas estavam tomadas por espectadores de todo o mundo, a arena estava repleta de jovens atletas, que representam a força e o vigor de todos os

⁴⁴ Der Fackellauf begann, p. 1. No original: *Vor dem heiligen Bezirk liegt das Feld der Olympia-Feier, auf dem in den heutigen Mittagsstunden die Olympische Flamme entzündet wird. / Als der Sonnenwagen Apollo von Osten her in das Rund des Horizontes führt, ertönen vom Hügel des Kronos, des grausamsten aller Götterväter, der seine eigenen Kinder mit Ausnahme des Zeus fraß, die Fanfaren.*

⁴⁵ *Olympischer Geist in Deutschland erneuert*, p. 1.

povos da Terra. E o Dr. Lewald concebeu a idéia de unir ambos os lugares; como conjunção lhe ocorreu a corrida de revezamento com a tocha. Um hino, cujo título é Olímpia, e cujos versos são 3.000 corredores, e o cântico posterior: *B e r l i m !*⁴⁶

A referência a “Dr. Lewald”, em destaque, é a única ancoragem onomástica presente na matéria. Theodor Lewald (1860-1947) foi membro do COI entre 1924 e 1938 e Presidente do COA de 1919 a 1934,⁴⁷ e presidiu a partir de julho de 1933 o OK.⁴⁸ Na matéria, Lewald aparece como idealizador da cerimônia de transmissão da tocha olímpica de Olímpia a Berlim. Para isso, o sujeito da enunciação lança mão de um estilo metafórico ao construir a imagem de uma suposta visão que Lewald teria tido *[v]or seinem geistigen Auge* (“diante do seu olho espiritual”) ao visitar a Grécia em maio de 1934, durante a convenção anual do COI. Isso nos leva a crer que ainda paire uma dúvida quanto à autoria da cerimônia de transmissão da tocha olímpica da Grécia à Alemanha nazista. Nas fontes históricas consultadas – as obras de Hilmar Hoffmann⁴⁹ e Susan Bachrach –,⁵⁰ sempre figura o nome de Carl Diem, e não o de Lewald. Segundo Hilmar Hoffmann, Lewald era muito questionado pela cúpula nazista em suas funções, chegando a ter sido alvo de campanhas difamatórias e racistas contra sua pessoa, ao ser chamado publicamente de “*Halbjude*” (“meio judeu”).⁵¹

Passaremos, agora, à análise da última matéria selecionada sobre a transmissão da tocha olímpica da Grécia à Alemanha nazista, publicada na primeira página da edição nº 176 do jornal *Der Angriff: Zwischenfall beim Fackellauf* (“Incidente na corrida com a tocha”), com o subtítulo *geschehen aus*

⁴⁶ Olympischer Geist in Deutschland erneuert, p. 1. No original: *Im Mai 1934 hatte Griechenland die Ehre, das Internationale Olympische Komitee, das seine Jahresversammlung in Athen abhielt, zu empfangen. Die Mitglieder des Komitees wurden eingeladen, Olympia und einige andere griechische Landschaften zu besuchen, wo der olympische Gedanke geboren wurde. In Tegea, unter dem Schatten jahrhundertalter Bäume, hatte der Vorsitzende des Deutschen Olympia-Komitees, Dr. Lewald, eine Vision, begeistert von dem blauen Horizont und den tannenbedeckten Gipfeln Gortynias. Vor seinem geistigen Auge stand ein riesenhaftes und modernes Stadion. Die Kerkiden waren überfüllt von Zuschauern aus aller Welt, die Arena war voll von jungen Athleten, die die Kraft und die Stärke aller Völker der Erde vertreten. Und Dr. Lewald fasste die Idee, die beiden Orte zu verbinden – als Bindeglied schwelte ihm der Fackel-Staffellauf vor. Eine Hymne, deren Titel Olympia ist, und deren Verse 3000 Läufer sind, und der Nachgesang: Berlin!* (Grifos no original).

⁴⁷ BACHRACH. *The nazi olympics*, p. 13.

⁴⁸ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 200.

⁴⁹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100.

⁵⁰ BACHRACH. *The nazi olympics*, p. 13.

⁵¹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 12.

Begeisterung (“Aconteceu por entusiasmo”).⁵² Como as demais matérias anteriormente analisadas, ela não foi assinada. A fonte das informações, no entanto, é indicada no *lead* da matéria como sendo *[u]nsere “Fliegende”* (“[n]ossa equipe ‘volante’”), a partir de Budapeste.

A matéria em questão apresenta a “história” de Milan, um jovem professor de aldeia que recebeu a incumbência de enfeitar sua cidade e de preparar as distâncias a serem percorridas pelos corredores, individualmente, e que acabou causando o atraso da corrida em duas horas, em relação à próxima aldeia, onde a chama olímpica também era aguardada.

Em termos analíticos, o título nos fornece alguns indícios para entender a função específica dessa matéria: *Zwischenfall beim Fackellauf*. Num primeiro momento, até mesmo pela impressão em caracteres maiores e em negrito, a matéria chama a atenção do leitor. Seu significado poderia ser considerado negativo: “Incidente na corrida com a tocha”. Porém, a possibilidade desta leitura é desfeita pelo subtítulo, publicado logo abaixo, em caracteres menores: *geschehen aus Begeisterung* (“Aconteceu por entusiasmo”). Portanto, ambos os paratextos mantêm uma relação de sentido entre si. O sentido negativo logo se dissipa pelo tom do subtítulo. Desta forma, o sentido de *Zwischenfall* (“incidente”) é automaticamente neutralizado, pois se refere ao atraso causado pelo “entusiasmado” “professor Milan”. Fato é que, no entanto, ocorreram alguns incidentes durante a corrida de revezamento com a tocha olímpica, e não aconteceram, de forma alguma, por *Begeisterung* (“entusiasmo”). Enquanto a tocha olímpica em Viena foi saudada com festa pelos “austrofascistas”, em Praga os corredores de revezamento foram hostilizados e impedidos de cumprirem seu percurso.⁵³ Em primeira linha, podemos dizer que a intenção do sujeito da enunciação em construir esta relação de sentido entre os paratextos é justamente forjar uma impressão de que a corrida com a tocha estaria transcorrendo na “maior tranquilidade e paz”, sem ser atingida por demonstrações de protesto contra o nazismo, que ocorreriam na capital tcheca, no dia seguinte. Sem dúvida, tal postura revela a influência da pré-censura, uma vez que, conforme apontamos anteriormente, havia sido emitida uma “instrução de

⁵² *Zwischenfall beim Fackellauf*, p. 1.

⁵³ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100.

imprensa” que interditou, cabalmente, qualquer matéria que veiculasse informações sobre os distúrbios na Áustria e na Tchecoslováquia por ocasião da passagem da corrida de revezamento com a tocha olímpica.

OLIMPISMO SOB JUGO TOTALITÁRIO: À GUISA DE CONCLUSÃO

Em termos de ingestão de Estado tanto na organização da 11^a edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, quanto na cobertura dos Jogos pela imprensa alemã, destacam-se as ações postas em prática no sentido de sacralizá-los a partir de uma ponte entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista. Tais ações envolviam o Ministério de Instrução Popular e Propaganda, responsável pelos mecanismos de pré-censura, e organizações do âmbito esportivo, como o COA, o OK e a DRA. Nestas últimas, duas personalidades se destacam: Carl Diem e, respectivamente, Theodor Lewald. A presença de ambos não parece ter causado estranhamento no COI, pelo contrário, uma vez que ambos possuíam um histórico de serviços prestados ao esporte e não eram filiados ao Partido Nazista. Entretanto, nosso estudo resultou em uma dúvida: Quem teria, de fato, idealizado a cerimônia de acendimento do “Fogo Sagrado” e a corrida de revezamento com a tocha? As pesquisas históricas realizadas por Hilmar Hoffmann e, respectivamente, Susan Bachrach apontam para Carl Diem. Já a matéria do jornal *Der Angriff* destaca Theodor Lewald como seu idealizador. Fato é que ambos integravam o OK, um como seu Presidente e o outro, como Secretário Geral.

As matérias analisadas também evidenciaram o modo como foi intensa a sacralização dos Jogos por meio de um discurso que propunha ressonâncias entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista, atendendo às ordens e interdições transmitidas nas “instruções de imprensa”. Não devemos desconsiderar também o fato de que ambos os jornais adotados como fontes para este estudo estavam diretamente ligados ao Partido e ao Estado nazista, e, portanto, se empenharam em atender à risca tais “instruções”.

Certamente, em 1936, membros do COI não tinham a dimensão do que estava por vir nos anos seguintes, marcados pela política expansionista e genocida posta em prática por um Estado como o do Terceiro Reich, que levaria a Alemanha a

escombros concretos e morais. Todavia, causa estranhamento que, no pós-guerra, a corrida de revezamento com a tocha tenha sido integrada ao protocolo olímpico por parte do COI, sem que se tenha feito uma análise crítica desse ato. Trata-se de um exemplo patente de como o olimpismo pôde sucumbir à sedução simbólica e discursiva do totalitarismo.

REFERÊNCIAS

- BACHRACH, Susan D. **The nazi olympics**: Berlin 1936. Boston: Little, Brown and Company, 2000.
- BOHLEN, Friedrich. **Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes**. Köln Pahl-Rugenstein, 1979.
- BOHRMANN, Hans. (org.). **NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit**. Edition und Dokumentation. v. 4/I-II. München: K. G. Saur Verlag, 1936.
- DIEM, Carl. Sturmlauf durch Frankreich. In: DIEM, Carl (org.). **Olympische Flamme**. Berlin: Deutscher Archiv-Verlag, 1942, p. 10-1.
- DRUMOND, Mauricio. Ao bem do desporto e da nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945). **Estudos Políticos**. Niterói-RJ, v. 4, n. 8, p. 298-318, 2013.
- ESTIVILL, Jordi. **A política social nos fascismos – a Europa em trevas**. trad. Rita Custódio e Alex Tarradellas, Vila Nova Famalicão: Edições Húmus; CICS.NOVA, 2020.
- HAGEMANN, Walter. **Publizistik im Dritten Reich**. Ein Beitrag zur Methodik der Massenführung. Hamburg: Hansischer Gildenverlag, 1948.
- HOFFMANN, Hilmar. **Mythos Olympia**. Autonomie und Unterwerfung von Sport und Kultur. Berlin: Aufbau-Verlag, 1993.
- KESSEMEIER, Carin. **Der Leitartikler Goebbels in den NS-Organen “Der Angriff” und „Das Reich“**. Münster: Verlag C.J. Fahle, 1967.
- KLUGE, Volker. **Olympische Sommerspiele**. Die Chronik I: 1896-1936. Berlin: Sportverlag, 1997.
- KRUSE, Britta; MENDE, Armin. **Die Chronik: 100 Jahre Olympische Spiele 1896-1996**. Gütersloh: Chronik-Verlag, 1996.
- NOLLER, Sonja Griebel; KOTZE, Hildegard von (orgs.). **Facsimile Querschnitt durch den ‘Völkischen Beobachter’**. Bern: Scherz, 1967.

Documentação

Das Olympische Feuer wird heute an heiliger Stätte entzündet. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 202, p. 1, 20 jul. 1936.

Die Fackel auf der Strasse nach Athen. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 203, p. 1, 21 jul. 1936.

Der Fackellauf begann. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Der Festakt im Stadion. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 215, p. 1, 2 ago. 1936.

Olympischer Geist in Deutschland erneuert. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Zwischenfall beim Fackellauf. **Der Angriff**. Berlin, n. 176, p. 1, 29 jul. 1936.

* * *

Recebido em: 06 ago. 2025.
Aprovado em: 04 set. 2025.